

Quanto vale o show

83 era legal, sétima série, eu tinha 13 e pá e tal
Tudo era novo em um tempo brutal
O auge era o Natal, beijava a boca das minas
Nas favelas de cima tinha um som e um clima bom
O kit era o Faroait, o quente era o Patchouli
O pica era o Djavan, o hit era o Billie Jean
Do rock ao black as mais top
Nos dias de mais sorte ouvia no Soul Pop
Moleque magro e fraco invisível na esquina
Planejava a chacina na minha mente doente
Sem pai, nem parente nem... sozinho entre as feras
Os malandro que era, na miséria fizeram mal
Meu primo resolve ter revólver
Em volta outras revoltas, envolve-se fácil
Era guerra com a favela de baixo
Sem livro nem lápis e o Brasil em colapso

[...]

Mano Brown, Racionais MC's

O tempo

Este verso é o presente.

O verso que vocês leram já é o passado —
já ficou para trás depois da leitura.
O resto do poema é o futuro,
que existe fora da sua
percepção.

As palavras
estão aqui, tanto se as leem
como se não. E nenhum poder terrestre
pode mudar isso.

Joan Brossa
[trad. Josep Domènech Ponsatí]

fluxos fluxos fluxos

Para comprar livros de poesia, de São Paulo para o mundo, edições novas e antigas, famosas e clandestinas, procure o Cesare Rodrigues, da **livros nômades**, que você pode contatar pelo facebook. Ele resolve. | No dia 6/6, a partir das 18h, na Casa das Rosas, tem lançamento de **Dias ácidos, noites lisérgicas**, de Claudio Willer, pela editora Córrego. | Sai em breve no Brasil, pela editora Autêntica, o clássico *Irmã outsider*, da poeta **Audre Lorde** (1934-1992). Na revista *Cult* de maio (n. 245), está a íntegra do ensaio “A poesia não é um luxo” (trad. Stephanie Borges), de que retiramos o trecho a seguir: «Falo aqui da poesia como destilação reveladora da experiência, não do estéril jogo de palavras que, tão frequentemente e de modo distorcido, os patriarcas brancos chamam de poesia – a fim de disfarçar um desejo desesperado de imaginação sem discernimento. // Para as mulheres, então, a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência. Ela cria a qualidade da luz sob a qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança, primeiro como linguagem, depois como ideia, e então como ação mais tangível. É da poesia que nos valem para nomear o que ainda não tem nome, e que só então pode ser pensado. Os horizontes mais longínquos das nossas esperanças e dos nossos medos são pavimentados pelos nossos poemas, esculpidos nas rochas que são nossas experiências diárias. [...] Os patriarcas brancos nos disseram: “Penso, logo existo”. A mãe negra dentro de cada uma de nós – a poeta – sussurra em nossos sonhos: “Sinto, logo posso ser livre”. A poesia cria a linguagem para expressar e registrar essa demanda revolucionária, a implementação da liberdade.»

FLUXOS, microjornal de poesia, é editado por Paulo Ferraz, Renan Nuernberger e Tarso de Melo

SP | *periodicidade temperamental* | *tiragem improvável*
arquivos disponíveis em tarsodemelo.wordpress.com
reprodução livre: leia, imprima, compartilhe | obrigado

FLUXOS

edição quatro | maio de 2019



Arabella Cunha
(poema/processo, c. 1968)

tentei te desenhar

mas o desenho
não parecia certo
acho que não posso
te dar uma forma

você é essa lembrança
turva
uma paisagem
nublada
e não se apreende
com linhas
uma paisagem nublada

Julia Bac

cada estrela estala na lua bela
logo apaga o próprio fulgor da face
quando em plenilúnio deslumbra imensa a
terra <obscura>

* * *

prateada

Safo [trad. Guilherme Gontijo Flores]

Caixa-preta

em algum lugar depois do fim
flutuando entre os destroços
encontraremos a caixa-preta
e poderemos finalmente
restituir o passado
palavra por palavra
como chaves perdidas no tempo
a reabrirem as portas
que nos trouxeram até aqui

André Oviedo

À minha bomba de pressão

Havia sido livre
com pouco
e simples
aprumada por princípios

Agora sou enviada
por chave ducha
caldeira valva
vedação custo

de serviços ao meu
beija
água
flor

*Lorine Niedecker
[trad. Julio Mendonça]*

Sinal

Ando pela avenida
vazia de gente
quando vejo alguém
é alguém vazio de gente
um corpo pós-atentado.

Tinha lido algo sobre
a sincronização das emoções,
a mundialização dos afetos,
o mesmo terror em toda parte.

É isso, penso, diante
da faixa de pedestres:
o mesmo terror em toda parte.

Ainda fico muito tempo parada,
como um coelho assustado,
antes de atravessar a rua.

Michaela van Schmaedel

Poesia

Eu também a abomino.
Lendo-a, porém, com total desdém, a gente des-
cobre ali, afinal, um lugar para o genuíno.

*Marianne Moore
[trad. Augusto de Campos]*

Ainda os mortos

os mortos duram, ainda.
aumentam o mal cheiro e o silêncio
nas serras. não há o mar
nem telegramas. entre mim e eles,
oito horas de estrada.

entre quem revolve a terra,
à procura de chances, de promessas,
há fotos duras, quentes, úmidas,
vindas do chão e da lama.

antes tocavam a vida, consumiam
a vida, eram irmãos na sombra
e no sol, na falta e no suor
diário que exige a vida. nunca
ouvi a labuta das suas manhãs.

as fotos me entregam. sou
mais outro estático, fedor
e silêncio na cidade.
no escuro, roo minha língua.

é impossível fazer uma canoa
destas pétalas, seguir os mortos.
extraviados entre as frestas,
seus suspiros comovem as árvores,
que, mais sábias, jamais perdoarão.

Renan Reis